

PESCA TRADICIONAL-MASCREAÇÃO: CIÊNCIA INDÍGENA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Edivaldo Lourival Mampuche (PPGECII/UNEMAT) - edivaldomanoki@gmail.com
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (PPGECII/UNEMAT) - waldineiaferreira@hotmail.com

GT 4 - EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

Resumo:

Este artigo é resultado de uma reflexão sobre a mascreação, como conhecimento aprendido fora da escola e também como possibilidade da realização de práticas pedagógicas transdisciplinares dentro da Escola Municipal Indígena de Educação Básica Cravari, no município de Brasnorte-MT. Assim, apresento sobre a prática de pesca artesanal do povo Manoki, uma prática cultural que se insere como patrimônio material e imaterial desse povo. A metodologia da prática pedagógica faz uma abordagem da transdisciplinaridade. Também valoriza os aspectos culturais e os fazeres e saberes indígenas garantidos na Constituição de 1988, bem como, na educação escolar indígena específica e diferenciada.

Palavras-chave: Pesca artesanal. Manoki. Transdisciplinaridade. Educação Escolar Indígena.

1 Introdução

A luta dos povos indígenas sempre foi a favor da oferta de uma educação escolar específica e diferenciada, bilíngue/multilíngue, intercultural e comunitária (BRASIL, 1998) com o propósito do resgate cultural e fortalecimento da identidade de cada povo. Os inúmeros conhecimentos dos povos indígenas não estão apenas na escola, mas se difundem nos espaços da aldeia e são aprendizagens que se dá com os pais, os avós, os irmãos mais velhos ou tios e tias. Mas, também está na escola, e nesse lugar a interconexão entre as disciplinas e os saberes do povo produzem interações que se dão em transdisciplinaridade.

A Escola indígena além do trabalho com diferentes disciplinas deve também contemplar as crenças, memórias de lutas, língua materna, os fazeres e saberes ligados à identidade cultural. Nessa perspectiva, os alunos indígenas precisam dominar o conhecimento sobre o seu território, família e povo. É preciso aprender sobre os rios, sobre o perigo da mata, local de coleta de frutas, de caçada e pescaria, conhecer as ervas medicinais, saber o tempo certo da desova dos peixes e reprodução dos animais, para não ir pescar ou caçar e impedir o aumento dessa espécie. Precisa saber que os alimentos são oferecidos pelos espíritos e, portanto, precisamos também fazer oferendas dos nossos alimentos para agradecer e manter o equilíbrio entre a natureza, nós e os seres invisíveis.

2 Mascaração: uma descoberta do saber fazer fora da escola

A Escola Municipal Indígena de Educação Básica é indígena e considera as aprendizagens que se dão fora da escola, que estão na cultura do povo Manoki. Os aprendizados fora da sala de aula são muitos, por isso, trago aqui a técnica de mascaração que se inicia desde cedo, as crianças começam a mergulhar na beira do córrego para evitar se afogar e sempre no córrego pequeno.

As crianças da aldeia Cravari, Terra Indígena Irantxe, desde muito pequenos já têm seu contato com a água, água de um córrego chamado São Domingos que passa ao meio da Aldeia. Os pais começam a dar banho nelas no córrego, principalmente pela manhã, para que já vão se acostumando com a água fria e evitar pegar certas doenças como a gripe ou resfriado, por exemplo. Os mais velhos sempre recomendam para dar banho nas crianças logo cedo para que elas cresçam sadias, dispostas, sem preguiça.

De dois para três anos de idade as crianças já estão mergulhando, nadando, pulando dos galhos que têm na beira do córrego, fazendo casinhas com areia, brincando com folhas e pegando a areia de diversas cores, às vezes pisando no barro branco para sujar a água e se esconder do seu coleguinha em baixo d'água. Quanto aprendizado, quantas descobertas, quanta liberdade!

As crianças parecem estar sozinhas, mas sempre tem uma criança maior que cuida dos demais pequenos, não precisa ser irmão ou parente mais próximo para cuidar do outro, de longe tem um adulto vigiando. Sempre há pessoas que estão ali de longe ou passando perto de onde as crianças estão brincando para ver se está tudo bem, todos cuidam dessas crianças, todos se preocupam com essas crianças.

Depois dessa fase, começa a mascaração, principalmente no verão, não saem do córrego, às vezes saem para esquentar e voltam a mergulhar, como ainda não sabem fazer sua máscara e sua flecha, elas emprestam de alguém que tem. As primeiras técnicas já vão aprendendo, os primeiros peixes são os lambaris que aprendem a matar e levar para casa.

A Técnica de pesca de mascaração entre os Manoki surgiu através do Geraldo Terena que mora na TI Tirecatinga do povo Nambikwara. Ele fala sobre as adaptações e dispersão desse saber entre alguns povos que praticam, sendo confirmado na entrevista do cacique do povo Manoki, o senhor Manoel Kanuxi.

Para a prática dessa técnica de mergulho, usam-se a máscara e os arpões. E para a confecção da máscara precisa cortar a borracha (câmara de ar de pneu usado) no formato da máscara e depois faz um buraco redondo no centro. Após isso, encaixa o vidro cortado no

buraco, esticando a borracha e, assim, finaliza a máscara. Para os arpões, com a fisga já soldada, apenas fazem os retoques finais, passando a lima para tirar o excesso de solda e deixar mais liso o vergalhão. Depois disso, amarra na outra ponta um pedaço de linha de pesca para manter o arpão preso ao braço do mergulhador. A borracha de soro também é preparada, serve para impulsionar o arpão na hora de capturar o peixe. O modo como as pessoas preparam ou fazem seus materiais de pesca são diferentes, uns são bem detalhistas e caprichosos, e outros nem tanto. Os rios aonde os Manoki vão mascarar são: Rio Cravari, córrego São Domingos, rio Papagaio, no rio Buriti, rio Juruena, rio do Sangue e rio Honorato.

Na aldeia Cravari, há um grande número de mergulhadores, porque tem o córrego São Domingos que passa no centro da aldeia e, desde muito novos, já começam a mergulhar no córrego, funcionando como uma espécie de treinamento, pois as condições são bem mais suaves para o mergulho. Os materiais usados pelas crianças, principalmente, a flecha de captura é feita de taquara com três pontas ou quatro, se for vergalhão são menores e mais finos, isso para conseguir matar peixes pequenos, seja lambari, piau ou traíra pequena.

A prática da pesca existe, mas é importante respeitar os donos do rio e dos peixes, não deve pegar mais peixes do que o necessário para alimentação, não pode machucar os peixes, sempre que pegar bastante deve fazer uma oferenda aos espíritos, na intenção de agradá-los.

O rio é onde os peixes vivem, aonde peixe mora. E também o rio é comandado e dominado pelo espírito do rio. E no momento a gente usando essa pesca tem que tomar muito cuidado, porque o rio também tem um dono. Tem um dono e ele mora no rio. Ele também cuida dos peixes, mas se a gente tá mascarando, tá matando o peixe, a gente vai oferecer. Ele agradece! (Manoel Kanuxi).

Os saberes estão na cultura e, reconhecer que existe um dono do rio é compreender a nossa cosmologia, o nosso conhecimento ancestral. Então aprender a mascarar é também aprender a respeitar o rio, é por isso que essa aprendizagem começa cedo. Esses aprendizados das crianças no córrego facilitam para depois mergulharem no rio grande. Com o mergulho no rio pequeno, eles aprendem os perigos desses rios e passam a respeitá-los e preservá-los. Para a continuidade dessa prática de pesca e manutenção da cultura, é necessário um rio limpo, sem usinas hidrelétricas, porque com a barragem, a água fica suja, impede a subida dos peixes para a desova e diminui a quantidade de peixes o que faz prejudicar a alimentação dos Manoki, a oferenda aos espíritos e a continuidade da pesca com mergulho que é um patrimônio material e imaterial.

Esses saberes e fazeres faz parte da educação dos Manoki, ou seja, a educação para nós é o respeito pelo outro, respeito aos animais, às montanhas, às chuvas, aos rios, aos donos

espirituais, à floresta. É cuidar daquilo que você precisa para viver, é se sustentar daquilo que a terra oferece e, em troca, deve preservá-la para não ser castigado pelos seus “donos” que a protegem. Mas existe outra forma de educação, a educação escolar indígena que também deve ser esse espaço onde o aluno tenha tempo de aprendizado, uma escola em que construa um aprendizado significativo à vida do Manoki. Sabedorias sobre as águas, o rio, a cachoeira, sabendo que ali moram os espíritos. Precisa desenvolver a educação do olhar, assim quando olhar para um terreno fértil, terra vermelha e plana, ver ali as frutas, as plantas medicinais e o habitat dos animais. Com essa educação, o olhar identifica os locais sagrados. É preciso compreender que há outros olhares, que vão além daqueles que só pensam em acumular e ganhar dinheiro, que pensam em construir usinas hidrelétricas ou fazer grandes lavouras de soja. Nessa mesma direção, o olhar para as águas deve ser aquele que consiga escutar o dono do rio.

Então, desenvolver uma pescaria de mascreação que é aprendida fora da escola, pode ser estudada também na escola e se relacionar com diversas disciplinas como, a geografia, a história, a matemática, a arte, as ciências da natureza, a língua materna, os saberes indígenas e muito mais. Pode ser conteúdo a ser estudado em diversas teorias e também na prática, como por exemplo, os estudantes podem construir o seu próprio material de pesca. Precisa de domínio para cortar vidro ou levar na cidade para cortar, precisa usar uma tesoura para cortar a câmara do pneu de carro, usar a linha e agulha para costurar, medir o tamanho do arpão, levar para soldar, afiar a ponta, medir a linha que vai ao arpão e na mão do pescador. Precisa saber o tamanho certo, deve ter o conhecimento de comprar o soro de borracha para comprar, pois, deve ser forte o suficiente para impulsionar a flecha feita de vergalhão.

Todos esses conhecimentos são adquiridos ao longo do tempo, uns conseguem assimilar mais rápido, outros mais devagar. Os perigos também se aprendem, mesmo que alguém te ensine ou pede para tomar cuidado, você só saberá quando estiver mergulhando. O perigo da flecha enganchar na pedra, depois de atirar no peixe é enorme. Caso fique preso, corre o risco de ter a mão cortada pela linhada ou se afogar, devido à corredeira. Geralmente a mascreação acontece nas corredeiras, onde tem o maior número de peixes. É necessário habilidade e ser ágil para recolher a linhada e segurar na flecha, evitando que ela fique presa na pedra ou nos galhos de árvores dentro da água. Mesmo fazendo parte da cultura do povo Manoki, a mascreação na escola pode ser trabalhada, e já é trabalhada de diversas formas. Na prática e na teoria, em reflexões e na escrita de relatos sobre a pescaria de mascreação, as histórias, os sentimentos, como foram as vivências nessas pescarias.

3 Considerações finais

Essa reflexão nos permite compreender que a escola precisa abordar sobre os impactos que vêm acontecendo na cultura, por exemplo, a sub-bacia do rio Juruena. É um lugar onde se pratica a pesca por mergulho, mas está ameaçada com mais de 140 PCHs (Pequenas Centrais Hidrelétricas) e usinas hidrelétricas. Juntas acumulam grandes impactos ambientais e sociais na vida dos povos indígenas e ribeirinhos, sem contar os impactos espirituais, totalmente desconhecidos pelos não indígenas (CARVALHO e GARAMBINI, 2018) Não existe quem é mais afetado ou menos afetado, todos serão impactados de uma forma ou de outra.

As barragens trazem grandes preocupações porque impedem a circulação dos peixes, atrapalham a piracema. As áreas alagadas, devido ao reservatório dessas PCHs, formam grande lagos e aumentam a quantidade de predadores dos peixes. A prática da pesca de mergulho, que é a mascreação dos Manoki, fica comprometida, e essa técnica de mascreação é fundamental para buscar alimentos para as famílias e também para pegar peixe e fazer uma oferenda aos espíritos que protegem o povo. É um patrimônio material e imaterial, não apenas do meu povo, mas de outros povos como os Paresi, os Enawene Nawê e os Nambikwara que também fazem esta prática de pesca.

4 Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Ricardo da Costa; GAMBARINI, Adriano. Opan (Operação Amazônia Nativa) **Relatório das viagens de campo para realização de etnografia sobre técnicas indígenas de pesca tradicional no Alto Juruena**, 2018.

COSTA, Claudete Francisco do Nascimento; JÚNIOR, Cleonildo Mota Gomes. Revista Travessia Maio/Agosto 2017; **Saberes Docentes Indígenas: Um estudo das práticas pedagógicas em aulas de Ciências nas Escolas Kukuru, Pesqueira/PE**.

KANUXI, Manoel. Liderança e Consultor Nativo Manoki, 2020.